

A Filosofia refletindo sobre a Pandemia
Philosophical reflections on the pandemic
La Filosofía reflexionando sobre la Pandemia

ANA KARINE BRAGGIO¹ / LUIS CESAR YANZER PORTELA² / RAFAEL DE ARAÚJO E
VIANA LEITE³ / SAULO SBARAINI AGOSTINI⁴ / TOMÁS FARCIC MENK⁵

Resumo: Este trabalho apresenta reflexões filosóficas sobre a pandemia da Covid-19, a partir do relato de experiência de um projeto de ensino desenvolvido por professores do Colegiado de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, durante o período de distanciamento social do ano de 2020. A conjuntura atípica, conduziu à reflexão, suscitando novos questionamentos, dilemas e relações sociais renovadas. Através de videoconferências online as palestras abordaram reflexões éticas, metafísicas, políticas, educacionais, históricas e psicológicas, bem como repensaram o estatuto da ciência, da racionalidade, da fé e da arte, e a peculiar postura do filósofo e da filosofia perante a pandemia. Foram 21 encontros proferidos para mais de 190 participantes de universidades, colégios municipais e estaduais e da comunidade externa, inclusive de outros estados. Devido à abrangência obtida, destaca-se nesse trabalho, sua importância científico-filosófica e sua valiosa contribuição para a área das Ciências Humanas frente a pandemia da Covid-19.

Palavras-chave: Filosofia. Pandemia. Covid-19. Reflexões Filosóficas. Ciências Humanas.

Abstract: This paper aims to present philosophical reflections on the COVID-19 pandemic based on the case report extracted from a teaching project developed by the members of the department of Philosophy of the State University of Western Paraná, during the period of social distancing in the year of 2020. The atypical conjuncture led to reflection, raising new thoughts, dilemmas, and new kinds of social relationships. Through online conferences, several subjects concerning the pandemic were contemplated such as metaphysical, political, educational, historical, and psychological reflections, as well as the reconsideration of the status of science, of rationality, of faith, and of art, including a particular attitude of the philosopher and of philosophy towards the pandemic. There were twenty-one meetings held for more than one hundred and ninety participants from universities, municipal and state schools, and external community, all of which included people from out of Parana State. Due to the great variety of its scope, this paper highlights scientific-philosophical importance and its valuable contribution to Humanities concerning the Covid-19 pandemic.

Keywords: Philosophy. Pandemic. Covid-19. Philosophical Reflections. Humanities.

Resumen: Este trabajo presenta reflexiones filosóficas con respecto a la pandemia del Covid-19 a partir del relato de experiencias de un proyecto didáctico desarrollado por maestros del departamento de Filosofía de la Universidad Estatal del Oeste del Paraná,

¹ Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá. E-mail: ana.braggio@unioeste.br

² Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: luis.yportela@gmail.com

³ Bolsista de pós-doutorado CAPES/COFECUB pela UFPR/Sorbonne-Paris IV. E-mail: rafael_vianaleite@hotmail.com

⁴ Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. E-mail: saulo.agostini@unioeste.br

⁵ Doutor em Filosofia para Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: tomas_farcic@yahoo.com.br

durante el periodo de distanciamiento social en el año de 2020. La situación atípica llevó a la reflexión, planteando nuevos interrogantes, dilemas y renovadas relaciones sociales. A través de videoconferencias en línea las conferencias abordaron reflexiones éticas, metafísicas, políticas, educativas, históricas y psicológicas, bien como repensaron el estatuto de la ciencia, de la racionalidad, de la fe y del arte, y la peculiar postura del filósofo y de la filosofía ante la pandemia. Se realizaron 21 encuentros para más de 190 participantes de universidades, colegios municipales y estatales y de la comunidad externa, incluso de otros estados. Por el alcance obtenido, se destaca en este trabajo, su importancia científico-filosófica y su valioso aporte al área de las Ciencias Humanas frente a la pandemia del Covid-19.

Palabras-claves: Filosofía. Pandemia. Covid-19. Reflexiones Filosóficas. Ciencias Humanas.

Introdução

Tendo o propósito de refletir sobre a pandemia da Covid-19 a partir de instrumentos teóricos peculiares à filosofia, o Colegiado de Filosofia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, desenvolveu um projeto que desafiou os participantes a não colocarem seus pensamentos em quarentena, apesar do confinamento social. Em meio ao ambiente hostil permeado pela circulação de notícias falsas, que contribuem para amplificar o negacionismo científico, é de grande relevância proporcionar espaços para a meditação sobre o fenômeno pandêmico.

Denominado *A Filosofia refletindo sobre a Pandemia*, o projeto foi constituído por 21 palestras ministradas por professores de Filosofia que a partir de perspectivas diversas percorram temas e conceitos passíveis de pensar a Pandemia, através de reflexões éticas, metafísicas, políticas, educacionais, históricas, psicológicas, entre outras, bem como repensar o estatuto da ciência e a peculiar postura do filósofo e da filosofia.

O arco temático distribuiu-se por 5 meses de atividades semanais, iniciadas no mês de julho e finalizadas em dezembro de 2020. Os encontros foram estruturados em dois momentos: o primeiro de exposição teórica e o segundo aberto para comentários e perguntas dos ouvintes.

Inicialmente visávamos atingir como público os acadêmicos da graduação, do mestrado e do doutorado, do curso de Filosofia, buscando manter contato e integração entre professores e acadêmicos da instituição, durante o período de suspensão das aulas devido a pandemia. Porém, com a divulgação do projeto, tivemos grande procura e envolvimento de acadêmicos de outros cursos, de outras instituições e da comunidade externa. O formato remoto possibilitou a aproximação de pessoas geograficamente distantes que em atividades presenciais teriam

dificuldades em participar de um evento de longa duração, como é o caso.

Os dados finais de frequência registraram o público total de 1638 ouvintes, média de 78 pessoas por encontro. Além dos acadêmicos do Curso de Filosofia, contamos com a presença de alunos dos cursos de pedagogia, ciências sociais, serviço social, direito, odontologia, medicina, história e psicologia. Registramos a participação de alunos e professores de 11 instituições universitárias diferentes, públicas e privadas. Salienta-se a participação de Professores de Filosofia da rede de educação básica (municipais e estaduais).

Devido à assertividade desse projeto, de importância científico-filosófica para a área das Ciências Humanas, e que teve significativa abrangência com a comunidade acadêmica e externa, neste trabalho, apresentamos um relato de experiência das atividades realizadas, a fim de divulgar e reforçar a importância da Filosofia perante a atual Pandemia.

A Covid 19 em tempos de irracionalidade

A palestra explicitou a relação entre aspectos da pandemia de Covid-19 e o irracionalismo apontado, por exemplo, por Edmund Husserl na obra *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Apesar de possuir referências filosóficas tais quais Hegel e a perspectiva fenomenológica, que serviram de pano de fundo conceitual, o palestrante apresentou uma reflexão autoral cujo objetivo foi articular pandemia, ideologia e filosofia.

Para alcançar esse propósito, apresentou-se um panorama sobre a distinção existente entre ideologia e filosofia. A ideologia seria responsável por apresentar uma narrativa que não explicita, mas, ao contrário, camufla pontos importantes da organização social de determinada comunidade. Ela foi aproximada a uma maquinação sutil que visa enganar usando um discurso convincente, capaz de guardar em si coerência e intencionalidade. A filosofia, diferentemente, busca interpretar e dar visibilidade ao sentido daquilo que foi encoberto pela ideologia. É por isso que Hegel, filósofo importante da tradição ocidental mencionado na palestra, aproxima o filósofo da coruja. Essa ave possuiria um olhar não limitado a apenas uma perspectiva porque alcança um quadro completo do cenário contemplado. Essa característica da coruja seria compartilhada pelo filósofo, agente caracterizado pelo espírito reflexivo dirigido para o quadro completo do problema investigado por ele.

A tarefa do pensamento filosófico é enfrentar o irracionalismo ou obscurantismo, fenômeno marcadamente ideológico. O real e o imaginário, como foi defendido, são estreitamente entrelaçados pela ideologia e no caso de uma pandemia, como a de Covid-19, é responsável por dar vazão a teorias conspiratórias e discursos sensacionalistas sem respaldo científico. Compreender como um

fenômeno, tal qual a pandemia, pode estar em parte encoberto pela ideologia, ou seja, uma certa maneira de produção de ideias sem rigor filosófico científico, é fundamental para se buscar um posicionamento coerente e socialmente apropriado no enfrentamento de situações emergenciais.

A filosofia e o filósofo diante da pandemia do coronavírus: algumas reflexões inconclusivas

A palestra foi dividida em duas partes, a primeira sendo uma análise das considerações de Maquiavel acerca da ditadura e da tirania, e a segunda uma reflexão ensaística da posição do filósofo e de seu pensamento frente as situações atuais.

Na primeira parte, a palestra foi fundamentada no primeiro livro dos Discursos acerca da primeira década de Tito Lívio de Maquiavel. O argumento base é que a ditadura era prevista na constituição romana em situações consideradas extraordinárias – ferramenta para superar problemas de modo rápido e eficaz. Nesse caso, poderia ser instituída uma ditadura com poderes amplos, pois, caso contrário, a República poderia ser arruinada. O ditador tinha sua ação delimitada por três características básicas do ordenamento jurídico romano: 1) a autoridade ditatorial limitada; 2) o tempo máximo de seis meses de duração; 3) O foco ditatorial era para resolver um problema específico. Em seguida, o palestrante apresenta possíveis relações do regime de exceção romano com os casos contemporâneos da Hungria e Moscou frente o combate à situação pandêmica.

Na segunda parte da apresentação, o palestrante propôs ensaio uma defesa ensaística que defende a atitude de espanto. Só rompendo a naturalidade dos afazeres cotidianos conseguimos pensar para além da naturalidade das coisas. Ao considerar as coisas como óbvias, não pensamos, apenas aceitamos. Nessa crise sanitária, porém, ocorre o espanto. Nesse sentido, temos duas correntes básicas para seguir: ou aceitamos a regra instituída pela mídia sem espanto ou, o seu contrário, a negação da regra. Ambas são sem espanto, apenas adesão ou reação. Portanto, não geram reflexão. O espanto nos leva à reflexão e a dimensão da solidariedade, ou seja, pensar conscientemente a necessidade da solidariedade.

A pandemia, nesse sentido, pode apresentar rico material de reflexão para o filósofo, pensando, por exemplo, o que é essencial e o que não é essencial para existir (como os trabalhos considerados essenciais ou não durante a quarentena). Por fim, convém refletir acerca da ética e da política em relação às ações do governante frente às leis e o Estado.

Agamben: Vida Nua e Estado de Exceção

A proposta de apresentação foi situar conceitos fundamentais do filósofo

italiano Giorgio Agamben e preparar a base filosófica para a palestra que seguiria no próximo encontro. Para tal, a exposição foi fundamentada nas obras *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua* e *O Estado de Exceção*.

Agamben retoma o uso aristotélico dos termos *Bíos* e *Zoé* em sua reflexão. *Bíos* enquanto forma de vida própria de um indivíduo ou grupo e *Zoé* como o simples fato de viver comum a todos. A tese do filósofo aponta que o controle da vida e a decisão sobre quem vive ou morre já está pressuposta desde Aristóteles. Em outras palavras, toda a política ocidental está fundamentada na exclusão de uma parte da *Bíos* em *Zoé*.

Com o desenvolver do Estado, este é responsável por institucionalizar o modelo de exclusão e criar o espaço de vida nua. Além disso, a soberania moderna, desde Hobbes, permitiria que o Soberano esteja dentro e fora do ordenamento jurídico. Produzindo assim o Estado de exceção como paradigma de governo. A partir dessa constatação, os decretos emergenciais para combater a pandemia não poderiam ser uma realização deste paradigma? Agamben escreve uma série de artigos para tratar desta questão e das relações entre *bíos* e *zoé* em meio à pandemia. Contudo, conclui-se e demonstra-se que a posição agambeniana está de acordo e fundamentada na sua filosofia.

As reflexões de Agamben sobre a epidemia: Erros e acertos

133

A palestra foi dividida em três partes. A primeira foi uma exposição de alguns artigos escritos por Agamben entre fevereiro e abril de 2020, publicados no site da editora italiana *Quodlibet*, e suscitados pelo estabelecimento por parte do governo italiano de medidas de emergência, em resposta ao surto de Covid-19 constatado no país, instituindo assim na Itália um Estado de exceção. A exposição destacou os seguintes propósitos dos artigos escritos por Agamben: a) a identificação das possíveis causas que conduziram o Estado italiano a instituir um estado de exceção que implicavam na alteração do modo de vida moral e político do povo italiano; b) a identificação das possíveis causas que conduziram o povo italiano a aceitar como legítima as medidas de emergência e decretos estatais; c) a busca pela identificação de possíveis consequências éticas e políticas para o povo italiano da aceitação das medidas de emergências empreendidas pelo governo.

A segunda parte da palestra apresentou os erros atribuídos pelo filósofo Jean-Luc Nancy em seu artigo *Exceção viral* às teses sustentadas por Agamben no artigo intitulado: *A invenção de uma epidemia*. Na sequência foram expostos os acertos e erros que o filósofo Roberto Esposito em seu artigo *Curados até o fim* atribui a Agamben.

Na terceira parte o palestrante ateu-se a apresentação de um debate ocorrido no Brasil entre a professora Yara Frateschi (suscitado pela publicação de um texto de

sua autoria denominado *Agamben sendo Agamben: A invenção de uma epidemia*) e alguns especialistas brasileiros da obra de Agamben, priorizando a apresentação do elenco de erros apontados pela primeira e dos acertos atribuídos pelos últimos às reflexões que Agamben expusera nos artigos que escrevera no período já mencionado.

A Covid-19 e a Psicologia na perspectiva fenomenológica

O palestrante abordou o conceito de fenômeno, recuperando sua origem grega (*fainstein*), que pode ser traduzida por aquilo que aparece ou se mostra. Nessa perspectiva, tratou a Covid-19 como um fenômeno que se apresenta dentro de uma conjuntura, envolvendo os sujeitos, produzindo reações de enfrentamento e efeitos particulares em cada indivíduo.

Em sua exposição o palestrante apresentou um sistema de desenvolvimento humano tanto da ótica biológica como da psicológica, iniciado pelo *ethos infantil*, ressaltando a simbiose de cada ser humano com o ambiente. Assim que nascemos, estamos imersos em um ambiente que já está dado e que nos introduz do ponto de vista biológico à microbiota, causando um sistema de proteção e imunização, necessário para o enfrentamento com o mundo. Esse início é fundamental, pois nosso existir no tempo e na natureza está tomado por aquilo que pode ser chamado dentro de uma perspectiva filosófica de *physis*.

Perante a Covid-19 o risco de morte é acentuado gerando, nesse caso, uma experiência de agonia. A reação agônica não se limita à morte, pois ela está envolta de combate, luta e enfrentamento, ameaçando o corpo além do biológico, ou seja, a agonia se apresenta entre o ser biológico e o ser que vai para além dele. A vulnerabilidade e indeterminação do corpo biológico afeta o corpo que está no mundo e possui um projeto de vida, que por sua vez entra em conflito e enfrentamento do seu próprio existir ao ter realçada a possibilidade de interrupção de seu escopo.

Nessa perspectiva, a agonia e a angústia estão se produzindo em cada um de nós, cada qual a seu modo. Sendo seres sintonizados, cada ser humano tem aquilo que lhe é próprio, possuindo uma estrutura particular e tendo que encontrar externamente estruturas para fazer frente ao meio. Entre as estruturas externas destaca-se, como exemplo, para o contexto pandêmico, os aparelhos de ventilação mecânica.

É certo que cada ser tem algo próprio para lidar com o mundo e com a situação ocasionada pela Covid-19 e vários efeitos psicológicos resultarão da apropriação dessa experiência e passarão a fazer parte da nossa vivência. Portanto, a perspectiva fenomenológica nos desafia a percebermos os enfrentamentos, bem como

as sequelas individuais, visto que as estruturas psíquicas são muito variadas, pois cada um constrói o seu próprio modo de ser e existir.

Representações científicas: O caso dos Modelos epidemiológicos

A palestra abordou os modelos epidemiológicos e seu funcionamento, com enfoque no modelo suscetível-infectado-removido (SIR) e simulações. Questionando se modelos podem ser usados para orientar decisões, o palestrante expôs a semelhança estrutural de mapas com a realidade. Por exemplo, o epidemiologista John Snow, no século XIX, produziu um mapa que discriminava os casos de cólera em um bairro de Londres e percebeu que a origem da contaminação era o poço da *Broad Street*, demonstrando que nesse caso o modelo de representação contribuiu para tomadas de decisões.

A epidemiologia não é uma ciência meramente descritiva, ela também intervém e sugere intervenções, isso implica afirmar que a ciência coexiste com a política. Nesse sentido, a epidemiologia contribui para informar, orientar, planejar melhores decisões concretas e fundamentadas.

Com estas considerações, o modelo SIR foi apresentado para a Covid-19. Ele é basicamente um gráfico com dois eixos (tempo e porcentagem da população) e três categorias ou curvas (dos suscetíveis, os recuperados e os infectados). Este modelo é uma estrutura essencialmente matemática. Para interpretá-lo, é necessário relacioná-lo a outros sistemas.

As simulações devem ser abordadas aplicando o modelo SIR para populações específicas, pois para cada cenário diferente é preciso uma simulação. Visto que a simulação em um bairro será distinta da simulação em outro, e juntas permitirão fazer a previsão de uma cidade, esperando-se que quanto menor a população, mais acurada será a simulação.

A apresentação foi finalizada com duas imagens artísticas que representam a transmissibilidade da doença, e com um manifesto da “responsabilidade modelar”, isto é, de como os modelos não são algo circunscrito ao ambiente científico e matemático, mas como eles podem servir a sociedade, ou como a modelagem pode auxiliar as decisões políticas.

É possível adaptar a filosofia para o sistema EAD?

Buscando responder a pergunta-título dessa palestra, os conferencistas propuseram uma reflexão sobre a adaptação do ensino de filosofia para a modalidade de ensino a distância. A problemática em questão poderia se desdobrar para qualquer tipo de disciplina, mas optaram pelo ensino de filosofia, por ser a área em que atuam.

É necessário refletir sobre essa temática principalmente no contexto da

pandemia da Covid-19, pois o isolamento social afetou o sistema de ensino presencial. Instrumentos legais e normativos passaram a ser editados mediante a nova realidade, possibilitando que atividades pedagógicas a distância, pudessem ser computadas para fins de cumprimento da carga horária mínima anual obrigatória, constante na legislação brasileira. Para tanto, é preciso recuperar o significado dos termos educação, ensino, modalidades de ensino, ensino presencial, ensino a distância e ensino de filosofia, buscando diferenciar a modalidade de Educação a Distância (EaD), da modalidade de ensino a distância para a situação emergencial.

Durante a palestra também foram analisadas as diretrizes para o ensino brasileiro de filosofia e algumas produções internacionais, entre elas um estudo empírico francês da professora Muriel Briançon. Concluiu-se com a necessidade da sincronicidade temporal entre professor e alunos, não como modo essencial de desenvolver a reflexão filosófica, mas como modo possível para o contexto em que o isolamento social é fundamental.

Pensando o Isolamento Social com a ajuda de Rousseau

A palestra buscou analisar elementos filosóficos tirados de obras de Jean-Jacques Rousseau, em especial a chamada Carta sobre a Providência. O objetivo foi o de evidenciar o caráter social e político de eventos classificados como catastróficos. A abordagem foi, portanto, social e política, investigando de modo privilegiado como os indivíduos, enquanto componentes de uma sociedade, enfrentam e compreendem eventos capazes de gerar prejuízos de variadas proporções às pessoas e à sociedade. Três pontos principais foram percorridos pela exposição: Rousseau e o isolamento, a nomenclatura em torno da ideia de isolamento social e, por fim, a maneira pela qual a organização político-social de certa comunidade diz muito sobre o sucesso ou o fracasso do enfrentamento de situações catastróficas.

Para propor uma melhor compreensão social da pandemia de Covid-19 vivida no ano de 2020, foi visto como um desastre é interpretado por Rousseau em termos do contexto cultural existente em certa comunidade. O palestrante defendeu, assim, que o desastre ou catástrofe, menos do que ser considerado uma punição divina ou um mal ligado à natureza, talvez deva ser encarado como falha humana quando, por exemplo, no caso de deslizamentos de terra em períodos chuvosos, não foi considerado o risco de construção em determinados lugares vulneráveis. Do mesmo modo, no caso da pandemia, a falha é humana quando não foram analisadas estratégias de prevenção e métodos de detecção de situações sanitárias emergenciais no interior de um quadro de comunicação estratégica entre os países. A perspectiva de Rousseau ajuda na compreensão do quadro atual, portanto, quando se percebe de que modo o entendimento dos efeitos de um desastre depende em boa medida do conhecimento de padrões particulares de comportamento. A palestra concluiu

defendendo que o modo como certa sociedade é mobilizada para conter os efeitos colaterais de uma pandemia está estreitamente relacionado a elementos políticos/sociais e não apenas a elementos sanitários e epidemiológicos.

Dialética da Melancolia em tempos de Pandemia

A palestra fundamentou-se no artigo *Walter Benjamin: a melancolia como conhecimento do mundo*, publicado em 2001 na *Revista Ágora Filosófica*. Dividida em dois momentos, a palestra iniciou contextualizando o pensamento do filósofo Walter Benjamin, contribuindo para justificar a dialética da melancolia apresentada na sequência, destacando a questão da efemeridade humana como recurso para refletir sobre a pandemia.

O conceito de melancolia foi reabilitado por Benjamin deixando de se restringir à esfera corporal e psicológica, alargando-se para um conceito de expressão de significado ligado à concepção de linguagem do filósofo. Fazendo um contraponto com a melancolia expressa no drama barroco alemão, Benjamin recupera o aspecto de sabedoria e transitoriedade da melancolia, destacando o fluxo histórico como renovador e criador de significados. Aos sentimentos de loucura e de depressão, a reflexão do melancólico contrapõe a possibilidade de novos caminhos e de redenção, tal como faz o herói trágico através de sua morte.

A alegoria, por associar um significado provisório e temporal às coisas, é o modo de expressão do melancólico. No entanto, a alegoria, tal como a melancolia, é dialética. Ao valorizar os aspectos luminosos da melancolia e da alegoria, Benjamin constrói uma teoria da linguagem, do tempo e da história que denuncia a falsa aparência de totalidade do mundo.

137

Pensadores e filósofos da economia diante da Epidemia

A Palestra discutiu o papel das novas tecnologias poupadoras de trabalho durante a pandemia. Refletiu a partir de um fragmento de texto [Sobre a Maquinaria] da obra *Os Grundrisse*, de Karl Marx, Explicitou-se o caráter interligado do emprego de sistemas cada vez mais velozes de transporte e deslocamento espacial dos indivíduos pelo planeta e seu papel na rápida e descontrolada proliferação do vírus pelo mundo.

O sistema de maquinaria se caracteriza pela substituição em larga escala do trabalho vivo do trabalhador pelo trabalho mecânico da máquina e sua consequência imediata é a expulsão do trabalhador do controle inteligente do sistema de produção. O sistema de produção fundado no emprego da maquinaria produz um sistema mecânico automatizado fora de controle consciente dos indivíduos e da sociedade. No sistema mecânico a máquina opera como um autômato, como um ser cujo princípio de movimento encontra-se nele próprio e

cujo movimento controla o movimento dos indivíduos e da sociedade.

Frente a isso concluiu-se que o descontrole da pandemia e a livre circulação do vírus pelo mundo podem ser explicados pelo fato de que os indivíduos ao não controlarem seus próprios movimentos, suas idas e vindas pelo espaço da realidade, não controlam também as epidemias virais, que logo se expandem pelo mundo ao mesmo ritmo do movimento das máquinas. Deste modo, sistemas velozes de produção, comunicação e transporte automatizados e fora do controle consciente dos indivíduos e da sociedade produziram, ao mesmo tempo, as condições materiais para a rápida e descontrolada proliferação do vírus pelo mundo.

12 A crise e as escolhas: isolamento ou solidariedade global. Refletindo com Harari

A palestra propôs uma reflexão a respeito do isolamento e da solidariedade global. O pensador que fundamentou a discussão foi o prof. Yuval Harari da Universidade Hebraica de Jerusalém. Os textos que fundamentaram a fala foram *Sapiens: Uma breve história da humanidade* e o recente ensaio. *Na batalha contra o coronavírus, faltam líderes para a humanidade*.

Para aprofundar o tema foi apresentada a concepção de Harari sobre a oposição histórica e natural entre isolacionismo e solidariedade. Na obra *Sapiens* é apresentado um panorama de revoluções. A espécie humana, pré-revolução agrícola, era eminentemente solidária, o que permitiu sua evolução e perpetuação. Porém, este ser gregário é lentamente desconstruído e modificado pelas revoluções posteriores. O desenvolvimento da agricultura, ciência e indústria tornou os homens mais reguladores da sociedade, entretanto, ao criar barreiras e distinções entre si, ampliou o isolamento. Esclarece-se assim como o sentido de isolacionismo, que Harari trata, não é o de medida protetiva sanitária em prol do isolamento social, mas aquilo que impede o reatar das relações gregárias e sociais que permitiu à humanidade a evolução.

Desta contextualização histórica, pergunta: 'Que tipo de sociedade sairá desta pandemia?' Diferente de outrora, o mundo possui o necessário para conter e superar a pandemia. Mesmo que tenha havido erros de análise, o que faz parte da dinâmica da ciência, sabemos o que está acontecendo. O principal problema, que fundamenta e gera o isolacionismo pandêmico, é o negacionismo científico. Ele nos leva ao recrudescimento das desigualdades, ao isolamento do pensamento e da crítica. A sociedade que emergirá desta pandemia depende das ações tomadas pelos governos no combate ao vírus. É necessário resgatar a solidariedade, esquecida em tempos pré-revolução agrícola. O principal diagnóstico é que na atual conjuntura faltam líderes mundiais capazes de inspirar, organizar e financiar uma resposta global coordenada. Com a desconfiança entre os governos, a tendência mundial é de recusa da solidariedade em direção ao isolamento. Dessarte, apesar da possibilidade

de mudança, tudo indica que a ausência de grandes líderes implicará na manutenção do isolacionismo constitutivo desta época.

Fakenews e a Pandemia de Covid-19

A palestra propôs uma reflexão a respeito da ligação entre as notícias falsas (*fakenews*) e a pandemia de Covid-19. A estratégia utilizada contou com elementos tirados dos resultados de pesquisas conduzidas pelo filósofo John L. Austin, mais especificamente, de sua teoria de atos de fala. A investigação forneceu uma definição de *fakenews*, apresentou exemplos de notícias falsas ligadas à pandemia de Covid-19 no Brasil, além de indicar como se pode reconhecê-las e por quais meios buscar a comprovação ou, contrariamente, explicitar a falsidade de uma informação divulgada online.

Entre os modos disponíveis para reconhecer uma notícia falsa pode-se citar algumas indicações, por exemplo, traçar a origem de uma história noticiada; ler integralmente a notícia para evitar ser ludibriado por uma manchete impactante; verificar quem assina a informação divulgada; verificar a data da informação para não cometer equívocos como o de descontextualizar o acontecimento e consultar múltiplas fontes para ter uma perspectiva mais completa de certo acontecimento. Essas estratégias são eficazes para que as pessoas não sejam enganadas por uma notícia falsa e, igualmente, para que essas informações não sejam propagadas.

A palestra concluiu defendendo como a mentira é um uso subversivo da linguagem usado há muito tempo pelos seres humanos. Noticiar um acontecimento falso ou disseminar calúnias é algo recorrente na história, porém esse comportamento foi potencializado atualmente por questões de ordem tecnológica como a internet e, conseqüentemente, a facilidade para acessar e divulgar informações. Se hoje as chamadas *fakenews* são percebidas como um problema grave é porque esse velho comportamento encontra atualmente condições ideais de desenvolvimento e propagação, algo que deve ser articulado com fatores políticos, sociais, culturais e econômicos.

A Pandemia e suas manifestações (ir)racionais

Como apoio para a reflexão, citou-se Justin E. H. Smith (na obra *Irrationality: a history of Dark Side of Reason*), Platão (*Teeteto* e *Menon*) e Aristóteles. Partiu-se da premissa que existe uma dicotomia na utilização da razão humana, ou seja, agimos racionalmente ou irracionalmente frente às situações do mundo. Assumindo uma noção abrangente de racionalidade, ser racional é proceder por razões quando elas são exigidas, mas também podemos agir racionalmente sem razão, quando a razão não nos é exigida. No último caso, temos como exemplo os exercícios imaginativos, a criação artística e as opiniões do âmbito privado. Todas essas são ações racionais que não exigem razão.

No século XXI, o cenário proporcionado pela internet e seus novos tipos de interação, possibilitando a manifestação pública de todo e qualquer indivíduo, surge um processo de irracionalidade: 1º: todos são instigados a interagir. A noção de comunidade se universaliza, mas é uma universalização vazia de conteúdo. 2º: a norma do privado se sobrepõe à do público, ou seja, a esfera pública é progressivamente privatizada. Um agravante é a internet que transmite uma impressão de privacidade. 3º: surgem comunidades autocentradas. Nessas comunidades não são necessárias razões, basta a mera opinião, pois todos pensam de forma igual. Esses grupos tendem à radicalização. 4º: o pensar igual dessas comunidades autocentradas não distinguem maneira e contexto de pensar.

Estes quatro passos demonstram como o privado avança sobre o público, manifestando a irracionalidade do nosso século. Todos querem opinar, mas não se submetem ao que é próprio da esfera pública. A barreira entre a opinião particular e a emissão de juízos públicos se dissolve criando um ambiente no qual o racional é negado. Convém questionar: O que pode ser feito? A resposta é dupla: investir em educação, visto que países com alta taxa de escolaridade são menos suscetíveis à irracionalidade e melhorar a distinção entre o público e o privado, aceitando a norma do público.

A doença como metáfora: Mann, Gadamer e Sontag

O palestrante apresentou uma reflexão baseada na leitura de três autores, Thomas Mann (no livro *A Montanha Mágica*), Gadamer (nos textos: *Filosofia e medicina prática*; *O estado oculto da saúde*) e Susan Sontag (na obra *A doença como metáfora*). Partindo da análise filosófica do que é a doença, foram analisadas três perspectivas da questão. Gadamer faz sua conferência para médicos, ou seja, ele parte do ponto de vista do médico. Sontag, por outro lado, utilizando-se de metáforas, escreve do ponto de vista da doença. Mann privilegia a perspectiva do doente.

Para Gadamer, a medicina se divide em dois campos, a medicina prática, na qual os erros e acertos são cobrados imediatamente, e o cientista/pesquisador médico. Essa distinção também pode ser vista como a ciência e a arte na medicina. A medicina é um conhecimento e uma prática. Enquanto conhecimento é atrelada ao aspecto científico, do universal e enquanto prática exige a lida direta com o doente e as respostas assertivas e imediatas do que deve ser feito em dada situação. O que nos lembra Gadamer é que a doença grita, a saúde não, ela é silenciosa. Portanto, cuidamos da doença, não da saúde. A saúde não nos convida ao tratamento contínuo. Nós só cuidamos da doença.

Já em Mann, na *A Montanha Mágica*, o ponto de vista é do doente. O livro narra a história de Hans Castorp, um estudante que vai visitar seu primo Joachim

Ziemssen em um sanatório para tuberculosos. A visita que seria breve se estende por anos, sempre por causa da tuberculose. Quem entra no sanatório tem que seguir as regras, mesmo que não seja doente. Todos comem a mesma hora, todos tem a mesma rotina. Chama a atenção como o corpo surge para nós através da doença. A saúde nos é oculta assim como o corpo, que muitas vezes só é percebido por meio da doença.

Por fim, o texto de Sontag ressalta como nós falamos da doença e utilizamos o discurso metafórico para retratá-la. Sontag afirma que a doença era vista como uma punição frente a uma falha. Para retratar a tuberculose, por exemplo, foi utilizada metáforas de espiritualização, de refinamento. A pessoa emagrece, empalidece, vai perdendo seu corpo. Uma perda de vitalidade corpórea converge para uma espiritualidade. Outro exemplo é o câncer, doença que historicamente substitui a tuberculose como a que mais preocupa as pessoas. Ambas as doenças estão ligadas com a paixão: excesso e carência. O tuberculoso seria o aquele que se entrega á paixão. O câncer é a repressão da paixão.

A Busca pela Cura da Covid-19: Tentativas e Erros nos Limites da Racionalidade

O palestrante utilizou fundamentalmente o referencial teórico de Karl Popper apresentando a definição de ciência e de como é impossível que uma ciência seja *fake* – apesar das pseudociências e do charlatanismo. Em relação a estas últimas, algo que vemos no discurso contra a Covid-19 é o uso de um argumento falacioso e pseudocientífico que a cloroquina poderia curar todo mundo, ou como ‘tratamento preventivo’ ao vírus – algo que não possui comprovação científica.

A questão que se desdobra é: como surge essa espécie de crença em pseudociências e charlatões? Isso é fruto da incapacidade de julgar a qualidade das escolhas e a desarticulação entre razão e emoção. Um problema agregado a esse é a separação entre divulgação científica e conhecimento popular. A falta de comunicação entre estes dois pontos cria um abismo que possibilita a ascensão das pseudociências.

Diante de notícias falsas, opiniões e discursos contraditórios como se poderia conceber a ciência? O pressuposto das ciências está na busca da verdade e esta é uma ideia reguladora. Algo metafísico, não concreto e empírico. Podemos tratar de previsibilidade e probabilidade de eventos acontecerem, mas não da certeza incontestável destes. Não existe ‘A Ciência Verdadeira’, mas as ciências com suas diversas metodologias.

Um teórico que apresenta os limites da ciência é Nassim Taleb na obra *Lógica do Cisne Negro*. Ele defende que o elemento inusitado e improvável pode acontecer – isso corrobora a tese das propensões de Popper. É preciso aprender com o impacto do altamente improvável. Por exemplo, o impacto do cisne negro, em uma época

que toda ciência dizia haver apenas cisnes brancos. O cisne negro é fora da curva, nada no passado aponta convincentemente para a sua possibilidade. Disto percebemos que uma ciência que queira ser só preditiva não estará preparada para o conjunto de eventos que ocorrer no mundo.

Portanto, como superar a cegueira em relação à aleatoriedade? Nossas ciências não se articulam para elaborar uma *cosmovisão*. Conhecemos o micro, não o mundo. A lógica do Cisne Negro torna o que você não sabe mais relevante do que aquilo que sabe. A ciência deve se concentrar no que não sabemos, e privilegiar a experimentação, reconhecer as novidades quando elas surgem e assim fazer tentativas de caráter agressivo. Este pode ser o caminho para se buscar a cura da Covid-19.

Reflexões sobre justiça: desigualdade social e cidadania em tempos de pandemia.

O objetivo da palestra foi apresentar uma reflexão sobre as consequências políticas e educacionais da pandemia a partir da análise de pensadores como John Rawls e de Martha Nussbaum. Foi ressaltada a atualidade e urgência de uma abordagem filosófica dirigida ao contexto sanitário brasileiro vivido em 2020 em função da pandemia

A realidade brasileira no enfrentamento da pandemia foi tomada para análise, seja da perspectiva do número limitado de leitos em hospitais, como também as consequências econômicas e as dificuldades dos mais desfavorecidos para poderem se isolar de modo a conter a propagação da Covid-19. O aparato investigativo em pesquisas científicas realizados nas Universidades foi tratado como algo importante para remediar e prevenir problemas de várias ordens capazes de gerar riscos à vida das pessoas.

A relação entre a prevenção de contágio pelo isolamento social e aspectos econômicos ligados ao aumento do desemprego e ao enfraquecimento das empresas foi abordado como ponto fundamental. Dado a relação defendida entre a Covid-19 e a pobreza, algumas questões foram levantadas e debatidas com a ajuda de conceitos filosóficos, de modo a promover uma discussão sobre o contexto brasileiro: quem são os mais expostos ao vírus e ao desgaste econômico? Quem são as pessoas que devem ser mais protegidas e de quem é a responsabilidade pela segurança dessas pessoas? A palestra ajudou a explicitar ainda o modo como as políticas públicas e os comportamentos morais entram em cena diante de uma pandemia que será vencida satisfatoriamente apenas se a sociedade for conjuntamente mobilizada.

História em pandemias

A palestra trouxe reflexões sobre pandemia a partir de um olhar histórico, tecendo relações com a obra *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*, de

autoria do professor Sidney Chalhoub. Vale frisar que apesar da abrangência do título de sua palestra, o professor delimitou-a ao contexto brasileiro e destacou que o olhar histórico permite aproximações e percepções do modo como os temas foram (e são) tratados, possibilitando provocações e novas releituras, como no caso da pandemia.

Foi trazido à tona três momentos históricos em que as epidemias e pandemias estiveram presentes no Brasil, alterando profundamente as ações sociais e estatais. O primeiro data do final do período imperial, a saber, a epidemia de Febre Amarela e Varíola. O segundo, coincidindo com a Primeira Guerra Mundial, foi marcado pela pandemia de Gripe Espanhola. E o terceiro momento foi a pandemia do Coronavírus.

A partir da vertente histórica é possível observar as rupturas e continuidades que as pandemias provocam na sociedade civil e política. No campo da sociedade civil, destacam-se as mudanças comportamentais pessoais e coletivas que transformam a cultura e são passíveis de perdurarem após o fim da pandemia. Nesse sentido, é ilusório acreditar que será possível retornar à normalidade pré-pandêmica, visto que determinados hábitos e práticas sociais tendem a permanecer alterados.

No campo político, é preciso observar as reações históricas do Estado frente aos contextos pandêmicos, percebendo que há uma espécie de repetição de algumas atitudes estatais. No caso dos três momentos históricos em análise, há uma tendência de relativização e minimização do problema, por parte do Estado, ao tentar demonstrar que a situação está sob controle, quando, muitas vezes, não está. Esse tipo de atitude contribui para retardar o fim das pandemias, amplia as ações arbitrárias e os gastos públicos, que são justificados pela gravidade do contexto. Convém salientar a coexistência de crises com os contextos pandêmicos, respectivamente aos três momentos históricos analisados: crise e mudança do sistema governamental, crise institucional e crise de personalidade administrativa.

Esperança e utopia com pandemia

A palestra abordou o modo como a pandemia tem propiciado uma fértil reflexão sobre o mundo que temos e o mundo que queremos. Quase todos os dias nos confrontamos com críticas quanto à nossa relação com a natureza, com nossos semelhantes e conosco mesmos. A maioria dos cenários parece deixar pouco espaço para a esperança e a utopia. Mas será possível exercer um autêntico pensar crítico abdicando da utopia? A Teoria Crítica da sociedade tem nos mostrado que pensar criticamente significa explicitar as contradições e possibilidades já existentes na realidade, as quais a teoria tradicional não consegue ou não quer abordar.

Há vários elementos sustentados por Ernst Bloch que sugerem que pensemos a

utopia como algo possível de ser ‘enraizado’ na matéria e na história, de modo que ela possa ser considerada utopia concreta, diferentemente dos ‘castelos no ar’ que caracterizariam a utopia abstrata, sendo preciso evidenciar aquilo que pode ser, mas que ainda-não é. A utopia concreta só adquire sentido quando denuncia uma realidade enquanto insuficiente.

Frente a isso o palestrante questionou: o pensamento filosófico pode se tornar produtivo na perspectiva crítico-utópica indicada no contexto atual? Para responder a tal questão resgatou-se a posição de F. Schelling, segundo a qual a reflexão filosófica geralmente é desencadeada quando nos confrontamos com algo nunca pensado, que nos leva à admiração/espanto. Do que extraiu que o próprio pensamento também é algo dinâmico e historicamente situado. E os pensamentos que mais parecem nos afetar são aqueles que dizem respeito ao sentido de nossas vidas. Ou, seja, há um antes, durante e depois na filosofia. É nesse processo que o campo tenso entre crítica e utopia vai se tornando produtivo ou não.

Diante do contexto atual e com base no pensamento do filósofo Enrique Dussel, pensar desde as vítimas é certamente um dos critérios a serem levados em conta, pois implica deslocar o foco da macroeconomia, e pensar no que deveria ser feito de modo diferente para que não haja mais tantas vítimas (humanas e ambientais). Além disso, implica também que nos percebamos como seres inseridos e partícipes de um mundo em devir, onde, assim como não há futuro determinado, também não pode haver a imposição absoluta das vontades e projetos humanos sobre a natureza. Seria esse um dos conteúdos utópico-libertários a nos serem legados pela pandemia?

144

Diagnóstico desde a *Aufklärung* - A barbárie rediviva: a Misologia

O palestrante refletiu sobre os vários elementos vinculados à barbárie renascida e atualizada. Para investigar o tema foram abordados textos dos filósofos Kant, Schiller e Mendelssohn. Em sua introdução, alerta-nos sobre a tradução da *Aufklärung* alemã: ela não significa ilustração e iluminismo. O termo esclarecimento seria uma melhor alternativa. A ideia de esclarecimento veio de uma exigência de o indivíduo utilizar da sua própria razão. Kant trata autonomia como autonomia intelectual. Portanto, a autonomia econômica e a autonomia política não se encontram no opúsculo kantiano no qual a palestra é fundamentada. Dada a definição de autonomia e esclarecimento, questiona-se: como sanar a falta de decisão para apelar apenas a si mesmo e ao seu próprio entendimento? Em outras palavras: como evitar a barbárie?

Para Kant isso se dá pela recusa de todas as tutelas, pela superação da preguiça e da comodidade, pela restauração do uso da própria razão. Esta pode ser dividida entre pública e privada. Contudo, apenas pelo uso autônomo e público da razão é

que se pode combater a misologia. Em detrimento a isso a barbárie está vinculado exclusivamente ao ‘uso privado’ da razão e obediência irrestrita a um tutor.

Na carta VIII, Schiller se questiona sobre a causa de ainda sermos bárbaros. O pensador constata os empecilhos que causam a barbárie como a inércia da natureza e a covardia do coração ao se opor à instrução. Além de propor uma distinção entre barbárie e selvageria: este quando os seus sentimentos imperam sobre os princípios; aquele quando os princípios destroem seus sentimentos. A partir destes conceitos propõe a necessidade da formação da sensibilidade porque ela desperta para a melhoria do conhecimento.

Por outro lado, Mendelssohn define a formação, cultura e esclarecimento como modificações da vida social. A formação subdivide-se em cultura e esclarecimento. A cultura objetivamente para o elemento prático e subjetivamente para a habilidade. O esclarecimento se relaciona com a dimensão teórica: objetivamente com o conhecimento racional e subjetivamente com a reflexão racional sobre as coisas da vida humana.

Os autores tornam-se complementares para a reflexão do esclarecimento e autonomia frente ao combate bárbaro à razão. A misologia é atualizada no nosso tempo, no combate às proposições científicas e propostas de cautela sanitária. Como antídoto ao barbarismo propõe-se a autonomia da razão, não mais apenas no aspecto intelectual, mas também no seu amplo aspecto econômico e social.

145

Ceticismo e o Dogmatismo como pandemia

O palestrante iniciou fornecendo esclarecimentos sobre o problema que moveu sua reflexão: em Montaigne parece não ser possível capturar uma verdade última, mas a busca por ela parece não ter fim. Nascemos para buscar a verdade; porém, a sua posse parece não estar em nosso poder. Como se nota, há uma árdua busca por identificar uma estabilidade no discurso montaigniano, pois a estabilidade acontece no âmbito do ‘phainómenon’. Não há como falar sem ser de uma determinada perspectiva, num dado contexto. A realidade (pensamentos, sensações e palavras) é falseada por antecipação, em razão dos costumes. Porém, ao escrever Montaigne tem que estabelecer sua posição, para assentar o seu discurso desafiador. Então, onde Montaigne estabelece o seu pensamento e a sua atividade de julgar? A hipótese é a de que, na filosofia, ele só encontra a diafonia, e, na religião, uma divindade inacessível.

Buscou-se identificar em que figuras de estabilidade Montaigne respalda seu ‘julgamento’, e para tanto analisou-se argumentos tirados dos Ensaios, O objetivo da palestra foi, portanto, estudar a centralidade da ideia de ‘phainómenon’ nos Ensaios de Montaigne. Tal centralidade, estendida para análise da filosofia e da religião, permite-lhe analisá-las ‘tal como lhe aparece’, assim como propor a adoção dos

costumes como critério de ação, bem como figuras de estabilidade para o seu discurso em movimento. Porém, como entender a veemência montaigniana com a suspensão do juízo? Montaigne não garante que o que diz corresponde a uma verdade objetiva, mas ao menos sabe que fala de suas fantasias produzidas pelo acaso. Defrontando-se com a mobilidade do mundo, Montaigne suspende o juízo, opõe-se ao dogmatismo, mas, ao mesmo tempo, escolhe, repreende e avalia incessantemente, escolhendo para si figuras de estabilidade. Assim, em seu 'judgement', parece despontar um centro firme, do qual ele não abre mão. O 'phainómenon' é a instância a partir da qual Montaigne identifica o seu discurso filosófico acerca da estabilidade na mobilidade.

E quando não se tem um teto todo seu?

A palestra teve início com uma pergunta: E quem não tem um teto só seu diante da palavra de ordem *Stay at home*? A abordagem foi, sobretudo, ética a, resgatando a compreensão pré-filosófica do termo quando esse designava morada, local físico onde os animais e homens habitam, até alcançar sua ressignificação filosófica, como o lugar interior onde se desenvolvem os hábitos e disposições de caráter do homem.

Frente a situação posta pela pandemia, constata-se que as relações humanas ficaram extremamente reduzidas, implicando que os modos de vida dos humanos, principalmente os físicos, deveriam ser transformados e reinventados.

Como então foi possível, nessa condição posta pela pandemia, cada um se haver consigo mesmo no pequeno espaço de sua casa e constituir nela uma morada interior? A palestrante enumerou condições para tanto, e após tematizar a relação entre Zoé e Bios, passou a perguntar pela possibilidade de se reinventar frente a Zoé, e seu apelo na pandemia expresso pela palavra de ordem *Stay at home*. Como construir uma Bios num espaço reduzido compartilhado por dois ou mais, uma bios que possibilite expressar as regiões mais desconhecidas de si, produzindo uma bios que, saudável para si, arremeta aos outros?

Uma resposta possível encontra-se na potência da Voz, seja esta expressa em modo radiofônico ou escrito. Para exemplificar essa possibilidade a palestrante discorreu sobre o caso de duas mulheres escritoras, Virginia Wolf e Carolina de Jesus, que em suas obras expressaram um modo eficiente de conciliação da Zoé com a Bios, ao sustentarem ser necessário um espaço, um teto exclusivamente seu, dentro de uma morada compartilhada, como condição para expressarem suas ideias pessoais e assim contribuir para a criação de uma Bios, e assim para uma ética. Do que a palestrante conclui que esta é uma possível saída para o enfrentamento das condições em que temos que conviver com a pandemia de Covid 19.

Considerações finais

Para finalizar, destaca-se como o público participante comportou-se sempre de modo ativo durante os cinco meses de atividades. Essa participação configurou-se sobretudo em forma de questões, comentários e pedidos de esclarecimento. Contudo, deve-se mencionar também o compartilhamento de experiências pessoais ligadas aos temas das palestras e os relatos das vivências dos participantes no período de pandemia. Note-se como essa colaboração intensa foi capaz de tornar os debates mais profundos, ajudando na condução das reflexões propostas a cada palestra, algo responsável também por tornar mais sólida a interação entre palestrantes e público. O meio *online* de realização das palestras serviu para estabelecer novos contatos, assim como para fomentar reencontros.

O grande número de professores e professoras palestrantes enriqueceu sobremaneira a experiência didático-pedagógica proporcionada durante os encontros semanais que compuseram o projeto. Cada palestrante, possuindo leituras distintas, ancorados por certa tradição filosófica específica, cada qual com uma compreensão particular do período pandêmico proporcionou a interlocução entre perspectivas diferentes, às vezes contrastantes, mas também complementares. Esse desbravamento por pontos essenciais que precisavam ser pensados e debatidos possibilitou o delineamento, ao final do projeto, de uma visão multifacetada, mas também coerente das questões e problemas impostos pelo esse período. Interessa notar, por fim, como ficou evidente que filosofia e seu arsenal conceitual, transmitido pelas reflexões realizadas e cultivado pelo público ouvinte, pode ser um excelente auxílio para trazer clareza, calma e compreensão diante de um momento conturbado como o que boa parte do planeta viveu no ano de 2020. A filosofia, longe de ser uma peça curiosa de museu exibindo as diversas ideias pensadas ao longo da história da humanidade é um instrumento com a ajuda do qual o passado é esclarecido, o presente é articulado, o imprevisto pode ser enfrentado e, principalmente, melhor compreendido.